

Boletim Adventista

Director e Editor: Ernesto Ferreira
Proprietária: Casa Publicadora Angolana
Redacção e Administração: Missão Adventista
C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão: Missão do Bongo
Lépi
NÚMERO AVULSO 2\$00
ASSINATURA ANUAL 20\$00

Ano VII — Número 78

Junho de 1969

Duas Vidas

Jesus e Alexandre morreram ambos com a idade de 33 anos

O Grego viveu e morreu para si próprio,
O Hebreu, por vós e por mim.
O primeiro morreu sobre um trono,
O segundo sobre uma cruz.
A vida de um pareceu um triunfo,
A de outro, um derrota.
Um foi um chefe de exércitos,
O outro avançou só.
Um fez correr o sangue de uma geração inteira,
O outro derramou seu próprio sangue.
Um ganhou o mundo inteiro em sua vida, mas perdeu tudo na
morte;
O outro perdeu sua própria vida, mas ganhou a fé do mundo
inteiro.

O Grego fez de todos os homens seus escravos,
O Hebreu deu a todos a liberdade.
O primeiro fundou seu trono no sangue,
O segundo no amor.
Um nasceu na terra,
O outro no céu.
Um conquistou toda a terra, mas perdeu finalmente o céu e
a terra;
O outro renunciou a tudo, para finalmente tudo ganhar.
O Grego morreu para sempre,
O Hebreu viveu eternamente

A Tarefa máxima da igreja para este tempo

A. Casaca

I

«E quem sabe se para tal tempo como este, chegaste a este reino» (Ester 4:14).

Muito em breve vai soar a hora do cumprimento das profecias e, ao mesmo tempo, das promessas da Volta gloriosa do nosso Divino Salvador.

Mais do que nunca, temos necessidade de levar ao mundo que parece afogado numa onda de cepticismo e de irreligiosidade, a grande certeza das verdades divinas, dessas verdades reveladas que constituem o maravilhoso depósito da fé.

Temos de mostrar, com vigor e ousadia, Jesus ao mundo, porque o mundo, este nosso pobre mundo anda arredio das verdades que interessam para a vida eterna. Tal como aqueles gregos de que nos fala o Evangelho de S. João, que se dirigiram a Filipe pedindo-lhe que mostrasse Jesus, assim também nós temos de ir ao mundo e mostrar-lhe Jesus, o nosso Salvador.

Estamos divinamente advertidos pelo Espírito de Profecia de que «A cada cristão é designada uma obra especial. Se cada um de nós fosse um missionário vivo, a Mensagem para este tempo seria proclamada rapidamente em todos os países, a todo o povo, língua e nação». (*Testemunhos*, vol. 6. pág. 438).

Sob a epígrafe «Crise actual» temos no *Evangelismo*, pág. 16: Devemos sentir agora a nossa responsabilidade de trabalhar com intenso ardor, a fim de comunicar a outros as verdades que Deus nos tem revelado para o tempo actual. Nunca seremos demasiado diligentes. ...

É agora o tempo de proclamar a última advertência. Uma virtude especial acompanha presentemente a proclamação desta mensagem; mas, por quanto tempo? — Só por um pouco de tempo ainda. Se houve jamais uma crise, esta crise é justamente agora.

Todos estão agora decidindo o seu perpétuo destino. Os homens necessitam de ser despertados para que reco-

nheçam a solenidade do momento, e a proximidade do dia em que terá terminado a graça. Esforços decisivos têm de ser enviados para apresentar esta mensagem ao povo de modo preeminente. O terceiro anjo deverá avançar com grande poder». — (*Testemunhos Selectos*, vol. II, pág. 371).

Uma das grandes características da nossa Igreja é a de ser uma IGREJA AO TRABALHO. Nestes tempos em que, por toda a parte, se levantam as mais atraentes distrações para afastar as inteligências e os corações da contemplação e da prática das verdades eternas, torna-se absolutamente necessário que a Igreja se movimente em grande escala — direi melhor — em escala total, para levar a toda a parte o conhecimento da Mensagem.

Por isso, importa, cada vez mais, desenvolver o Evangelismo, tarefa esta que não é, de modo algum, exclusiva dos Obreiros; todos os crentes, Obreiros e Leigos se devem considerar arregimentados para a realização do Evangelismo — o nosso verdadeiro trabalho, no dizer da Irmã White. «A obra evangelística — escreve a Irmã White — de abrir as Escrituras aos outros, advertindo homens e mulheres daquilo que está para vir ao mundo, deve ocupar, cada vez mais, o tempo dos servos de Deus». — (*Review and Herald*, 2 de Agosto de 1906).

Se até aqui temos sido negligentes no momentoso serviço da Evangelização, retomemos agora, com todo o entusiasmo, a marcha sempre ascensional, de modo a realizar, plenamente, esta divina comissão. E rogando perdão a Deus por esta nossa negligência no cumprimento da comissão evangélica, levantemos-nos decidida e firmemente, prontos a marchar, de passo certo e cadenciado, na campanha de evangelização.

O DOM DAS LÍNGUAS

Confusão de Babel ou Pentecostes?

por Yvan Rouller

A confusão de Babel

A diversidade de línguas provém de uma punição que Deus infligiu aos homens que se juntaram junto da Torre de Babel.

Deus tinha dito aos nossos primeiros pais que se dispersassem sobre a terra e a povoassem. O ajuntamento de Babel foi uma espécie de desafio lançado a Deus. A torre que se devia elevar até ao céu era um monumento de orgulho e de revolta contra Deus. Foi este desafio que atraiu sobre o povo a punição do Senhor. «E disseram: Eia, edificuemos nós uma cidade e uma torre cujo cume toque nos céus, e façamo-nos, um nome, para que não sejamos espalhados sobre a face da terra. Então desceu o Senhor para ver a cidade e a torre que os filhos dos homens edificavam; e disse: Eis que o povo é um, e todos tem uma mesma língua; e é o que começam a fazer; e agora, não haverá restrição para tudo o que eles intentarem fazer. Eia, desçamos, e confundamos, ali a sua língua, para que não entenda um a língua do outro. Assim o Senhor os espalhou dali sobre a face de toda a terra; e cessaram da edificar a cidade. Por isso se chamou o seu nome Babel...

A intervenção do Senhor tinha por objectivo quebrar-lhes o orgulho e dispersá-los. Explica-se assim a multiplicidade das línguas no mundo, embora descendamos todos de um mesmo casal que falava, evidentemente, uma língua única.

O dom do Pentecostes

Cerca de vinte e seis séculos mais tarde, Deus operou um milagre inverso no dia do Pentecostes, em Jerusalém.

Os apóstolos e irmãos, cerca de cento e vinte, começaram bruscamente a falar línguas estranhas; não que o Senhor quizesse semear a confusão como em Babel, mas para uni-los numa melhor compreensão do Seu apêlo. Os homens que se encontravam em Jerusalém durante as festas, vindos de todas as nações vizinhas, ouviam os apóstolos prégar nas suas línguas maternas. (Ver Actos 2:8-11).

Em oposição à orgulhosa Torre de Babel, houve o quarto alto onde os discípulos reunidos com a primeira igreja de Jerusalém, em humildade e oração, receberam o dom do Espírito Santo. Este milagre do Pentecostes teria sido inútil se Deus não tivesse confundido sua língua no vale de Schinear. No entanto, a partir deste dia o Evangelho passará a ser prégado num número cada vez maior de línguas. A diversidade de línguas era um obstáculo para a propagação do Evangelho, mas o dom recebido no Pentecostes permitiu aos apóstolos contornar esta dificuldade. A medida que os homens se convertiam, tornavam-se testemunhas do Evangelho entre o seu próprio povo e o dom das línguas perdia a sua utilidade; deveria mesmo desaparecer. Como Jesus tinha anunciado (Mar. 16:17), este milagre acompanhava a prégação quando Deus o julgava necessário, para dar um grande impulso à evangelização». Mas a manifestação do Espírito é dada a cada um, para o que for útil». (I Cor. 12:7). Hoje, temos missionários e Igrejas na maior parte dos países do mundo. A Bíblia é traduzida em mais de 1300 línguas e dialectos. Possuímos mesmo certas facilidades para aprender outras línguas. O Senhor não deseja operar por meio de milagres aquilo que é possível aos homens. O dom do Pentecostes não era a mesma coisa

que o falar em línguas de certas igrejas. Os irmãos de Jerusalém, reunidos no quarto, falavam línguas que eram conhecidas pelo povo. Perguntam-nos por vezes se Paulo não encoraja em I Cor. 14, o dom das línguas à maneira pentecostista, quer dizer a emissão de sons confusos, mais ou menos articulados, ou exclamações incoerentes e palavras sem continuação, o que torna o dom das línguas semelhante à inspiração das pitonisas. Que era o falar em línguas dos Coríntios? As opiniões estão divididas. Eis as duas principais interpretações: a de um pentecostal e de um católico:

Interpertação dada pelos pentecostais

«É impossível, escreve o pastor C. Le Cossec, compreender o que fala uma língua estranha. Mesmo o que fala em línguas, não compreende o que pronuncia... É mistério para o que fala e para o que escuta. A inteligência não recebe nada e não produz nada. Mas o Espírito Santo serve-se do inspirado como instrumento ao serviço do próprio inspirado. O cristão não produz as palavras, não é a sua origem. Pronuncia-as, é o canal e beneficia da edificação espiritual que delas resulta. Todo o seu ser beneficia de uma estreita e intensa comunhão com Deus. O mistério não existe senão na própria língua; mas não na experiência de elevação do espírito para Deus. Mistério não significa caos pois na verdade existe uma edificação... Todos os que falaram em línguas por ocasião do baptismo do Espírito Santo, deveriam continuar a fazê-lo na oração e adoração particular».

Paulo declara que nem todos os que são baptizados pelo Espírito Santo recebem necessariamente o dom das línguas (I Cor. 12:7-13, 27-31).

Interpretação dada por um católico

Falando do dom das línguas caracterizado por palavras confusas e incoer-

rentes, H. Lesêtre escreve no Dicionário da Bíblia de Vigouroux:

«Não se vê a necessidade de uma graça especial para obter um resultado semelhante, que é uma deformação e não um aperfeiçoamento da linguagem humana». Mais à frente, continua»: S. Paulo tinha demasiado presente no espírito o fenómeno do dom das línguas de Pentecostes, para falar nos mesmos termos e com a mesma palavra «língua» de um dom talvez diferente... Estabelece claramente a identidade do dom das línguas de que fala Mar. 16:17, com o que se passou no Pentecostes e em Corínto, quando ele próprio (L. Cor. 14:21) cita Isaías 28:11, 12, texto no qual o Senhor promete falar a Seu povo em línguas estrangeiras. ... Destas observações do apóstolo, segue-se o dom das línguas em Corínto não diferenciava do de Jerusalém, de Jope e de Efésio.

Não se tratava de línguas inventadas, nem de gritos indistintos, nem de exclamações extáticas, nem mesmo sómente de expressões figuradas e entusiastas, mas de línguas conhecidas por outros homens, cujo uso momentaneamente o Espírito Santo comunicava a certos fiéis, com o único objectivo de louvar a Deus. Este louvor a Deus numa língua estrangeira não podia ser compreendida e não se tornava útil se não fosse traduzida na intenção dos ouvintes. É por isso que o dom das línguas foi completado por um outro, que o apóstolo chama «interpretação das línguas» (I Cor. 12:10 e 14:28). ...S. Paulo diz que o possuidor deste dom se edifica a si próprio. ... Aqui ele distingue: é o espírito que era, quer dizer que a faculdade afectiva da alma, sob o impulso do Espírito Santo, eleva-se utilmente a Deus e une-se a Ele; durante este tempo a faculdade intelectual da alma não compreendendo quase nada do que é dito numa língua estrangeira, não aproveita nada.

É o que acontece por exemplo, com aquele que recita um Salmo em latim sem compreender esta língua. Sua alma eleva-se a Deus por meio de sentimentos efectivos, mas sua inteligência não recebe nenhum alimento das palavras latinas. ...S. Paulo deseja que

oremos e cantemos com o espírito e com inteligência ao mesmo tempo, por consequência com tudo o que deve tornar o acto religioso afectivo e inteligente. Conclui dizendo que prefere cinco palavras ditas com inteligência, de forma a instruir outros, que dez mil palavras com o espírito que é o único a intervir no dom das línguas. (I Cor. 14:13-19)».

Até mesmo os profetas nem sempre discerniam o significado de suas profecias e visões, mas no entanto eram por elas edificados.

Segundo o Pastor Le Cossec, o inspirado pronuncia palavras confusas, sem compreender o que diz. O ponto de vista de H. Lesêtre aproxima o dom dos Coríntios do Pentecostes. A explicação pentecostal afasta-o proque em Jerusalém, os apóstolos falavam línguas conhecidas.

O Capítulo 14 de I Coríntios

Para compreender o capítulo catorze da I epístola aos Coríntios, é preciso compreender os problemas particulares de Corinto. Esta igreja estava dividida em dois partidos (I Cor. 1:10-12). Muitos membros eram carnais, ciumentos, contendores, procurando a glória pessoal (8:1-5), dados ao orgulho espiritual (5:1-6). Alguns tinham demandas contra outros (6:7). Paulo escreve-lhes: «...porquanto vos ajuntais, não para melhor, senão para pior». (11:17, 18). Alguns viviam num tal estado de impudicidade que nem entre os pagãos se encontrava (5:1, 2). Esta igreja tinha dado bastantes problemas a Paulo. Satanás fazia o seu jogo: encontrou aí um terreno propício para por em prática os seus dons. Não era portanto de admirar encontrar entre os Coríntios homens que diziam ter recebido dons e que se glorificavam disso. Deus não poderia conceder seus dons a homens cuja impiedade era manifesta, isso seria aprovar sua má conduta. Entretanto, também havia em Corinto homens piedosos, animados de autênticos dons do Espírito, é por isso que o apóstolo lhes

podia escrever: «De maneira que nenhum dom vos falta...»

Segundo S. Paulo, o dom das línguas deve servir como sinal para os descrentes (I Cor. 14:22), sinal que os pode edificar ao mesmo tempo que lhes provoca admiração, quando compreendem as línguas faladas como no Pentecostes. Se um descrente entra numa assembleia e ouve as exortações numa língua estranha que ninguém compreende, não havendo intérprete, terá a impressão de estar no meio de uma assembleia de loucos; é a palavra utilizada por Paulo no vers. 23; é pouco mais ou menos o que se disse dos apóstolos em Jerusalém: «Estão cheios de mosto». (Act. 2:13) Portanto o falar em línguas não é um sinal senão com a condição de a língua ser compreendida e deve tratar-se de línguas faladas no mundo. O apóstolo constata (I Cor. 14:10) que: «Há por exemplo, tanta espécie de vozes no mundo, e nenhuma delas é sem significação».

Entretanto a linguagem estranha utilizada em algumas comunidades religiosas é composta de sons incompreensíveis; não faz parte das línguas faladas no mundo; é imitação de uma língua. Se Paulo desaconselha falar em línguas estrangeiras quando não há intérprete, para que não sejam tratados de loucos, que não diria ele aos que imitam sons sem qualquer significado? Mas justamente por causa das observações formuladas pelo apóstolo Paulo neste capítulo, sobretudo no versículo 10, parece que se dirigia também a homens que utilizavam um falso dom, uma língua sem qualquer significado, incompreensível; senão estas observações seriam inoportunas. Porque razão não foi ele mais severo? Segundo a opinião de J. Renié, trata-se de um exemplo de prudência do apóstolo em face de um abuso que deveria ser extirpado.

Se para Paulo «dom de línguas» fosse falar numa língua desconhecida, teria ele escrito (I Cor. 12:28): «E a uns pôs Deus na Igreja... dons de... variedades de línguas»? Não é este plural uma alusão às línguas faladas no mundo?

Continua no próximo número

O Poder da Oração

por José de Sá

Dizem que Jeremias Samba é filho de um desconhecido da tribo Mucuisse. Sua mãe é Muchilengue e como é considerado desprezo uma mulher Muchilengue juntar-se com um Mucuisse, foi necessário determinada cerimônia para «purificar o cruzamento» a fim de que Jeremias Samba fosse considerado limpo e digno de viver entre os Muchilengues. Não menos absurdo do que este racismo é a cerimônia usada na «purificação»: matam um boi e sobre a pele fresca colocam a mãe e a criança esfregando-os com todo o aparelho digestivo do animal! Imaginem o efeito e aspecto! E por processo tão imundo é purificando do sangue de outra tribo. O Jeremias Samba, «purificado» por este modo foi considerado Muchilengue e com todos os direitos e privilégios, com acesso a todas as festas de sua tribo.

Depois da cerimônia um parente da mãe tomou o Samba adoptando-o como filho. Em 1963 o «pai» morreu e o jovem passou para os cuidados de um «tio». Impossível seria que com tantas paternidades o Samba continuasse a ser bem querido e cuidado. Como as coisas não iam bem, Samba teve que fugir e refugiar-se em casa da avó materna, na aldeia de Chitalambala-Vihile. Em 1964, com a idade de 12 anos, na companhia de outros quatro jovens assistiu pela primeira vez à Escola Sabatina da aldeia.

No Sábado seguinte pediu para ser inscrito na Escola Sabatina e aceite como aluno da Escola. Pouco tempo depois também se inscreveu na classe de ouvinte, pré-baptismal. Era o melhor aluno. Paradoxalmente, começou também a sua odisséia, não fosse ele da aldeia das meninas: Laurinda, Rosalina, Emília e Angelina e como elas também muito pobre em bens da terra. O Jeremias desejava guardar o Sábado. O marido de sua avó obrigava-o a apascentar os bois, caso contrário não

recebia comida. O Samba preferia passar fome a faltar à Escola Sabatina. A noite, já em casa, o marido da avó ordenava que distribuíssem o leite e o pirão a todos, menos ao Jeremias, que tinha de ir dormir com fome. Isto passou-se durante mais de um ano.

Por essa altura um «amigo» de nome Mulacoloca, prospos-lhe irem procurar serviço noutra sítio, para ganharem dinheiro. No dia 10/1/66 o Jeremias com o novo companheiro, abandonaram a aldeia muito cedo, sem o catequista saber.

Na hora habitual das aulas o Jeremias não apareceu. Indagando, o catequista soube que tinha saído à procura de serviço na povoação comercial. «Quando ouvi isto o meu coração saltou dentro de mim, pois entre todos era ele o melhor aluno», afirmou o catequista, e acrescenta: «Toda aquela tarde estive muito triste. Em casa, à noite, lembrei-me da promessa de Jesus em Mateus 21:22: «E tudo o que pedirdes na oração, crendo, recebereis». Minha oração nesse momento foi: Senhor, Tu que conheces os corações dos homens, se vês que o Jeremias não foi por sua própria vontade mas por engano do companheiro e do diabo, aguardamos o seu regresso, se essa é a Tua vontade».

A resposta não demorou. Ao amanhecer do dia seguinte, por volta das cinco horas, alguém bateu à porta. Ao abrir-la, a nossa surpresa foi misturada com alegria. Ali estava o Jeremias. «Voltamos porque não encontrámos o branco», disse ele.

No mês de Abril o Jeremias pediu para vir para o Quicuco. Foi baptizado no mês de Outubro e presentemente frequenta a Escola da Missão. Nosso desejo é que o Senhor ajude o Jeremias a terminar sua instrução e seja um obreiro na causa de Deus.

Adaptado de uma carta do catequista Isaque Cachipia.

Página

da

Juventude



POR QUE LER?

A leitura de bons livros não é uma luxo. É uma necessidade para todo aquele que deseja dar um toque de qualidade à sua vida e seu trabalho. A riqueza mais verdadeira não é o dinheiro que colocamos em nossos mealheiros, mas a que desenvolvemos em nossa cabeça.

Os livros nos instruem sem agastamento, ameaças ou castigos. Não se zangam com nossa ignorância nem murmuram por nossos erros. Pedem apenas que passemos algum tempo com a grandeza, a fim de absorvermos alguns de seus atributos. Não lemos um livro pelo bem do livro, mas por nosso próprio bem. Devemos ler porque em nossa vida ocupada — cheia de problemas e emergências — necessitamos de períodos de descanso e porque reconhecemos que a paz mental não significa ignorância.

Devemos ler porque talvez não tenhamos tido a oportunidade de ir à universidade, e os livros nos dão a possibilidade de obter o que nos falta.

Devemos ler porque nosso trabalho é rotineiro e os livros nos dão uma sensação de profundidade na vida.

Devemos ler porque assim vemos os problemas sociais, econômicos e filosóficos que requerem solução, e porque cremos que as melhores coisas dos tempos passados também podem ser actualmente.

Devemos ler porque estamos cansados da superficialidade da vida contemporânea, fartos dos lugares comuns das conversações, das vulgaridades e das ninharias.

Seja qual fôr a razão que nos leve a ler, notaremos que a leitura nos proporciona conhecimento, capacidade criadora, satisfação e relaxamento da tensão. Exercitamos nossa mente pondo em movimento as faculdades.

Não se pode ser mentalmente sadio sem ler livros substanciais, como não se pode ser fisicamente sadio sem ingerir alimento sólido.

Leiamos bons livros, livro bom é aquele que, brilhando no tempo e no espaço, alumia nossa vida e ilumina as profundezas de nossa mente a nós desconhecidas. Uma das grandes emoções da vida consiste em descobrirmos pensamentos que ignorámos fôssemos capazes de possuir.

A leitura de um bom livro comunica ânimo e bem-estar. Auxilia a mente a apreciar as coisas que possuem mais valor. — *The Royal Bank of Canada Monthly Letter.*

Visado pela Censura

A União Portuguesa em Marcha

Por E. Rodriguez

Secretário das Actividades Leigas



Os portugueses sempre manifestaram um espírito de empreendimento aliado ao gosto pela aventura, característica dos povos que se esforçam por progredir. Tradicionalistas e conservadores, guardam entretanto no fundo do coração o desejo

de descobrir novos horizontes que lhes permitam desenvolver inteiramente suas possibilidades, logo que as circunstâncias lhes forem favoráveis.

Encontramos este traço específico da mentalidade portuguesa, ainda mais acentuado — pois não poderia ser de outra maneira — entre os portugueses que aceitaram Jesus como seu Salvador. Como prova, temos a rapidez com a qual adoptaram e puseram em prática os novos métodos de trabalho missionário apresentados pelo dinâmico secretário das Actividades Leigas da Divisão, o irmão S. F. Monnier.

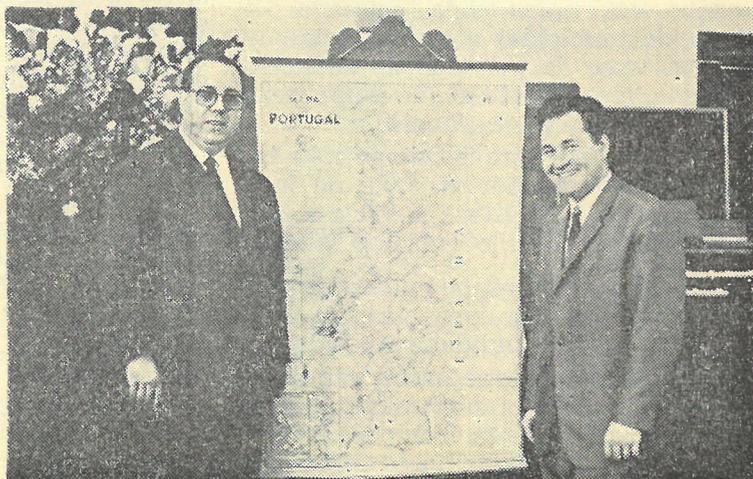
Bastaram dois cursos para formação de instrutores leigos, um no Porto e o outro em Lisboa, para tomar conhecimento das forças vivas da Igreja, pô-las ao trabalho e obter um excelente resultado no trabalho em favor de almas que nos conhecem bem mas que ainda não se tinham entregue ao Senhor, e daquelas, tão numerosas, para as quais Jesus Cristo nada significa.

Os participantes destes dois cursos compreenderam perfeitamente os ensinamentos e conselhos do irmão Monnier e começaram sem demora a instruir os irmãos e irmãs de suas igrejas e que não tiveram o privilégio de participar nos cursos acima mencionados.

Mais tarde foram ainda organizados na nossa União vinte e cinco cursos locais; fizeram-se exercícios práticos, os membros receberam abundante documentação e puseram-se ao trabalho corajosamente com o objectivo de conquistar em dez anos toda a terra portuguesa para Cristo.

Elaborámos quatro folhetos, a que chamámos «folhetos de choque», que se destinam a preparar o público a aceitar as Sagradas Escrituras e os questionários que correspondem ao plano missionário. «Uma Bíblia em cada lar», plano este que a União portuguesa pôs em prática desde 1968 com bastante sucesso, antecipando-se assim involuntariamente aos planos da Divisão que só previa o lançamento deste método em todos os seus territórios para 1969. Este plano é excelente, como testemunham as numerosas cartas vindas dos dois últimos territórios onde acabámos de o introduzir, mostrando o entusiasmo dos irmãos e irmãs em face dos resultados obtidos.

A primeira é da autoria de um pastor já idoso, um dos nossos veteranos, recentemente transferido para Setúbal onde decidiu experimentar o trabalho missionário de porta em porta. Escreve ele: «No último Sábado saí com uma boa parte da igreja, umas vinte pessoas aproximadamente, pa-



A. Casaca, Presidente da União Portuguesa na altura em que este artigo foi escrito; e S. F. Monnier, apresentando o mapa de Portugal, país que em dez anos deverá ser ganho para Cristo.

ra trabalhar de casa em casa, creio que o resto dos membros será estimulado pelo nosso exemplo. Não penso que sejam necessários dois anos para que todos estejam ao trabalho, pois alguns já estão fazendo visitas sistemáticas. Trabalho no sentido de organizar em breve o «Socorro Adventista» para nos auxiliar também neste trabalho. Devo acrescentar que se muitos irmãos e irmãs já responderam ao nosso apêlo isso é devido ao facto que minha mulher e eu saímos regularmente com eles e lhes ensinamos a melhor maneira de agir...»

Outra carta vem de Ponta Delgada nos Açores:

«Sinto-me feliz de vos poder dizer que estamos empenhados a fundo no plano de trabalho missionário «Uma Bíblia em cada lar», e que começam a surgir os melhores resultados. Numerosos são os que aceitaram o santo Livro de Deus, entre eles uma família de seis pessoas, Testemunhas de Jeová, que já começaram a frequentar os nossos cultos. Organizámos ontem o «Socorro Adventista», e os membros consideram maravilhoso este método de trabalho. Em breve teremos sacos de plástico e iremos de casa em casa para solicitar a ajuda da população. Temos um objectivo de 20 baptismos para 1969, mas estou convencido que ultrapassaremos este número e conheceremos assim um ano record neste domínio».

Já soubemos depois que uma cerimónia baptismal teve lugar nos Açores, no mês de Janeiro do corrente ano.

Diz-nos ainda outra carta:

Os nossos irmãos e

irmãs estão evidentemente entusiasmados com o trabalho de porta em porta que realizamos todas as semanas. Já distribuímos um certo número de «folhetos de choque» e amanhã Sábado continuaremos. A irmã Natália encontrou cinco pessoas que desejam receber uma Bíblia e estudá-la. Amanhã, depois do culto, vou reunir todos os grupos para lhes ensinar a maneira de apresentar o folheto N.º 3 e preparar os corações a aceitar a Sagrada Escritura e os questionários que permitirão sondá-los. Sinto-me satisfeito poder dizer-vos que recebemos hoje 300 Bíblias. Temos agora ao todo 400. Nossas conferências tiveram um sucesso extraordinário e por duas vezes foram mencionadas no jornal local o que foi para nós uma boa propaganda. Creio que três delas foram frequentadas por mais de mil ouvintes. Em breve irei visitar as igrejas secundárias do nosso arquipélago afim de por ao trabalho os irmãos e irmãs que aí habitam».

Ser-me-ia fácil citar outras cartas nas quais alguns colegas exprimem sua alegria em



Um símbolo: O Pastor, o ancião e um membro leigo, unidos num propósito: Transmitir o facto do Evangelho

poderem aplicar sistematicamente o plano de trabalho «Uma Bíblia em cada lar». No que diz respeito à União portuguesa, pensamos que o melhor método consiste em distribuir primeiramente algumas brochuras, oferecer em seguida uma Bíblia e os questionários que a acompanham, e para terminar uma série de conferências públicas durante dez noites consecutivas. Mais de quinze igrejas já adoptaram estes métodos combinados de evangelização, tendo a preocupação de assegurar a colaboração dos elementos mais sólidos e de embelezar as conferências com coros e trechos musicais. (Digamos de passagem que estas reuniões públicas desti-

Continua na pág. 16

Através dos Campos da Seara

Campanha Evangelística de Chingamba

No dia em que o irmão Adjunto do Campo me deu a ordem de ir realizar uma Campanha com os irmãos da Igreja, fiquei um pouco triste, pensando que talvez o trabalho não tivesse êxito. Tínhamos indicações para primeiro juntarmos o grupo afim de serem treinados e só depois é que os levaríamos ao campo de acção.

Juntei um bom grupo de irmãos e irmãs numa aldeia de Chingamba.

No primeiro dia fiz a distribuição das casas para cada pessoa. Apareceu-nos um um homem chamado Prata. Este homem não se sentiu bem quando nos viu a iniciar o trabalho da Campanha. Disse-nos depois que não queria a Campanha na sua aldeia. Ficámos desanimados com estas palavras. Disse ainda mais: «Se alguém vier visitar a minha casa vou levá-lo ao Posto Administrativo».

Fui falar com o Soba da aldeia explicando-lhe o motivo que nos levou a esta aldeia. O Soba por sua vez já conhecia o evangelho e disse que os Adventistas não fazem mal a ninguém! «Podeis trabalhar à vontade dentro da minha aldeia», foram as suas palavras.

Começámos o trabalho e o Prata, vendo que os outros estavam recebendo alguma coisa de valor em suas vidas, pediu que alguém fosse também a sua casa. Ficou muito contente com os estudos bíblicos que foram dados em sua casa.

Deus esteve connosco durante a Campanha e foi ali realizado um maravilhoso trabalho de evangelização. Os irmãos que conosco trabalharam, pediram que os convidássemos para uma próxima Campanha.

No último Sábado assistiram às reuniões, dois sobas das aldeias vizinhas. Voltaram para suas aldeias confortados com a mensagem do Evangelho. Tenho uma grande lista de inscrições na classe de ouvintes. 113 pessoas dedicaram as suas vidas para seguir a Cristo Jesus.

Não me quero esquecer de agradecer às irmãs que não se importaram de deixar seus lares e dedicar o seu tempo à pregação do evangelho do Mestre.

Maurício Nunes

Campanha Evangelística de Guluve

Quando chegámos ao Guluve, tudo parecia triste. Era já tarde na aldeia, não havia gente para nos receber. No dia seguinte começámos o trabalho, distribuindo por cada obreiro o número suficiente de casas. Levámos para essa Campanha o maior número possível de irmãos e irmãs, para serem treinados ao serviço do Mestre.

Todas as manhãs saímos para fazer os estudos Bíblicos nas casas. Durante o dia, ministrávamos tratamentos simples e cantávamos hinos com as crianças. Depois do almoço tínhamos o estudo da doutrina com os obreiros e à noite o culto ao ar livre, ao redor das fogueiras.

No final o povo ficou muito satisfeito com as reuniões e estudos bíblicos ministrados. «Se não fosse a vossa vinda a Guluve, Senhor Pastor, nós morreríamos espiritualmente e fisicamente», foram as palavras de um ouvinte depois de ouvir uma pregação. Este homem andou doente durante bastante tempo, e não havia meio de encontrar a cura para a sua doença. Foi ao feiticeiro que lhe disse que a doença tinha sido causada pelo avô que tinha já morrido há muito tempo. «Para ficares são, tens de ir procurar dois trapos de pano branco para oferecer ao teu falecido avô», disse-lhe o feiticeiro.

Depois de me ter contado que tem perdido muito dinheiro à procura da saúde, sem melhorar, senti muita pena dele. Perguntei-lhe se ainda tinha medo dos espíritos maus e disse-me que sim. Falei-lhe do amor de Deus para com seus filhos. Depois desta conversa convenceu-se da existência do Deus Criador. Fiz com ele uma oração pedindo a Deus que lhe tirasse o medo dos espíritos malignos e firmasse o coração na verdade. No dia seguinte este homem trouxe os trapos brancos que tinha em casa para afugentar os espíritos malignos. Depois de ter feito novamente uma oração com ele, partiu bastante satisfeito. No último Sábado, foi ele o primeiro a responder ao apêlo. Foi uma grande alegria quando vimos 55 almas entregarem-se a Cristo. O que para mim foi muito curioso é que entre os 55, não havia nem um só jovem. Todos velhos e velhas da aldeia.

Dou muitas graças a Deus que dirigiu as coisas de tal maneira que tivémos uma boa Campanha na nossa área de Cauri. O grupo que levei para realizar esta Campanha, era composto de irmãs e irmãos voluntários. Fizeram todos um bellissimo trabalho de Evangelização.

Prezado leitor, lembra-te dessas 55 almas do Guluve nas tuas orações para que Jesus nelas cumpra as suas promessas.

Diniz Capiñela

Campanha evangelística de Lussissa

A vontade divina fez surgir na Igreja de Deus, novos métodos para terminar a obra na terra.

Nunca houve uma Campanha tão cheia de espírito como a deste ano. Embora o programa que recebemos do nosso Adjunto fosse muito pesado, os dias passaram rápidamente. O que muito nos impressionou, foi o facto de não ter chovido durante toda a Campanha.

O povo ficou muito comovido. Católicos e Protestantes admiraram o grande fervor com que os nossos membros trabalhavam.

«Operando Eu, quem impedirá?». Disse Deus ao profeta Isaías (Is. 42:13). Uma mulher chamada Rosália tinha mudado para Porto Alexandre com seu marido, para arranjar emprego. Certo dia essa mulher viu em sonho a segunda vinda de Cristo. Viu um ancião que lhe disse: «Tu vais ficar fora do grupo dos salvos, se não voltares para a tua aldeia. Passados poucos dias, foi atacada por uma doença. Os médicos fizeram tudo o que podiam, mas ela não ficou boa. As autoridades sanitárias resolveram mandá-la para a aldeia natal sem esperança de cura.

Esta mulher assim que chegou à aldeia, tratou de ir para o Hospital do Bongo. Foi bem tratada e finalmente ficou boa. No Bongo ouviu falar de Jesus o Salvador. Contou-me toda a história de sua doença e quando viu o grupo de irmãos e irmãs que pré-gavam nas casas da aldeia, ficou comovida e no Sábado dedicou sua vida a Cristo, com a promessa de seguir os ensinamentos da Igreja Adventista do Sétimo dia. Ela diz que a doença e o sonho contribuíram para que ela abraçasse a fé de Jesus.

Damos muitas graças pelas bençãos que o nosso Pai Celestial nos concedeu durante este ano.

Caros leitores lembrai-vos da obra de além Cunene e Dongo nas vossas orações.

José Fernando Isaías

Campanha Evangelística de Cassema

Cristo estava apenas a alguns passos do trono celestial, quando deu a ordem missionária aos discípulos. Abrangendo como missionários todos os que cressem em Seu nome, disse Ele: «Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda a criatura». O poder de Deus acompanhá-los-ia.

Foi no dia 3 de Abril que recebemos a ordem de ir fazer um esforço de evangelização em diversas aldeias. Fui nomeado para fazer na aldeia de Cassema. Nesta aldeia já havia um núcleo de fiéis Adventistas. Durante um período de tempo em que não houve obreiro, o povo voltou aos antigos costumes. O nosso Adjunto pediu-nos que levantássemos o nível espiritual desses irmãos. Aceitei, mas com dúvidas, porque o caração do povo é muito duro. Mas o Espírito Santo operou nos corações desse irmãos de tal maneira que a mensagem foi ouvida e responderam magnificamente.

Não recebi nenhum catequista para me ajudar no trabalho da Campanha. Simplesmente levei comigo os homens e mulheres voluntários para fazer os Estudos Bíblicos de casa em casa.

Talvez o prezado leitor não possa avaliar o fervor com que esses irmãos trabalharam para lançar a semente do evangelho. De manhã cedo já se encontravam as irmãs na Igreja para fazer uma oração, pedindo a Deus para nos ajudar na nossa trefa.

De noite efectuamos reuniões em volta das fogueiras, crianças e adultas sentavam-se para ouvir as boas novas da salvação. Os alunos com os professores nunca faltaram aos cultos da noite para cantar hinos especiais que gostamos de ouvir.

Chegou o dia de nos despedirmos do povo de aldeia. Foram momentos tristes quando no separámos.

À noite tivemos projecções luminosas que o Pastor Samuel Sequeira nos trouxe, sobre a bondade e o amor de Deus para com as almas perdidas no pecado. A semente foi lançada, 223 pessoas entregaram os nomes para a classe de ouvintes. Em Isaías 55: 11 lemos uma mensagem que anima os filhos de Deus: «Assim será a palavra que sair da

minha boca: ela não voltará para mim vazia, antes fará o que me apraz, e prosperará naquilo para que a envie!».

Feliciano Ribeiro

Campanha Evangelística de Chatumba

Iniciámos o trabalho de pregação com um grupo de irmãos e irmãs voluntários.

Os estudos Bíblicos foram dados de casa em casa. Lamento bastante o tempo ser limitado, porque depois de ver tanto interesse na Palavra de Deus, já não queríamos sair do lugar. A nossa vontade é de continuar a trabalhar com esse povo tão sedento.

Em todas as reuniões da noite contávamos sempre com maior número de assistentes para o estudo da Bíblia.

Tivemos o prazer de ver 58 almas entregarem suas vidas a Cristo.

Nota-se uma grande falta de obreiros para continuar o trabalho iniciado.

Esau Isaías

Campanha Evangelística de Sechicala—Chipindo

Antes da escenção, Jesus Cristo disse aos seus discípulos: «É-me dado todo o poder nos céus e na terra. Portanto, ide ensinai todas as nações, baptizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo». (Mat. 28:18, 19).

No dia 11 de Abril realizamos um Esforço de Evangelização na aldeia de Sachicala. Foi uma campanha diferente de todas já realizadas, porque tivemos o privilégio de ter os homens e mulheres, trabalhando com o mesmo espírito e coração. Levei comigo as seguintes irmãs: Violeta Paulo, Emília Victorino, Robina Manuel, Inês Laurindo, Helena Simão, Celeste Carlos e Madalena Lucas. Estas irmãs trabalharam com zelo na divulgação do evangelho na aldeia de Sachicala.

O programa foi o seguinte: de manhã Devoção Matinal, visitas de casa em casa, cânticos com as crianças, almoço, estudo da Bíblia com os obreiros e à noite uma reunião em casa do Soba com fogueiras para o povo se aquecer.

Houve interesse em todas as pessoas. Não houve nenhum que rejeitasse a mensagem.

As pessoas que não foram visitadas começaram a fazer estas perguntas: O que fizemos para ser rejeitados desta maneira? Porque somos privados de ouvir as boas novas deste livro? Não nos amam? Ao ouvir estas perguntas, lembrei-me de que o Senhor Deus diz em Amós: Enviarei fome e sede sobre a terra, de ouvir a palavra do Senhor.

O último Sábado foi maravilhoso. O Espírito Santo estava connosco. Depois da pregação que tinha por título: «A cruz de Jesus», 63 pessoas se levantaram ao apêlo, prontos a seguir a Jesus como o seu Salvador pessoal.

Prezado Leitor, chegou a hora de lembrar as palavras do Senhor Jesus: E Eu quando for levantado da terra, todos atrairei a Mim. Chegou a hora de levantarmos Cristo mais alto do que nunca.

Ao nos despedirmos do povo, todos disseram que o tempo tinha sido muito pouco, desejavam mais tempo para ouvir as benditas palavras. Muitos nos pediram Bíblias.

Nós semeamos a semente da verdade, esperamos que Deus faça o resto.

Domingos Paulo

Não vale apenas fumar

Em Provérbios 6:28, lemos o seguinte: «Andará alguém sobre as brasas sem que se queimem os seus pés? A um quilómetro da Escola Central de Chonga, morava um rapaz numa aldeia. Quando estava para casar, os pais da noiva disseram ao jovem que não deixasse fumar sua esposa ela porém começou fumar, e um dia caiu no fogo que tinha sido causado por um cigarro. Ficou muito queimada. Os seus parentes não a puderam socorrer e passado algum tempo resolveram chamar o ancião adventista para a socorrer. Os adventistas fazem bem em não deixar os seus membros fumarem. Ela arrependeu-se e prometeu desde aquele dia nunca mais fumar.

Lembrei-me do que se lê em S. Mateu 10:7: «E, indo, pregai, dizendo: É chegado o reino dos céus. Curai os enfermos, limpai os leprosos, ressuscitai os mortos, expulsai os demónios: de graça recebestes, de graça dai».

Vosso na causa do Senhor

Ezequiel Vieira

Visita do P.^o Samuel Monnier

por J. A. Morgado

Foi nosso privilégio acompanhar o secretário do Departamento da Escola Sabatina, da Divisão, Pastor Samuel Monnier na sua visita a Angola, no passado mês de Março.

Tendo começado a sua visita pelas Igrejas de Benguela e Lobito, além das reuniões incluídas nos Cursos de preparação para pregadores Leigos, teve a oportunidade de ocupar uma tarde, com as Irmãs das Igrejas, para estudo dos planos para a Escola Sabatina, especialmente dedicadas às classes infantis. Além dos conselhos sobre como melhor ensinar as crianças, e dos cuidados que devemos ter com os cordeirinhos do rebanho, apresentou algumas ilustrações para as crianças e jovens acompanhadas por histórias. A Escola Cristã de Férias mereceu, também a atenção do nosso Irmão, com apresentação de planos para um melhor aproveitamento do programa.

Depois do Lobito, seguimos para o Bongo, onde se encontravam reunidos os chefes de áreas de todas as missões de Angola, assim como suas esposas. Cada tarde da semana tivemos reuniões especiais para as esposas dos pastores em que foram apresentadas maneiras de ilustrar hinos, apresentar histórias, desenvolver as lições etc. Tivemos a colaboração da Irmã Leona Parsons. Muito material foi feito e levado para as suas igrejas por estas Irmãs. O Pastor Monnier ocupou também alguns dos tempos do programa para com a sua experiência aconselhar as nossas irmãs a um interesse especial pelas crianças. Também incitou todas a levarem a efeito nas suas Igrejas Escolas Cristãs de Férias.

Do Bongo seguimos para Nova Lisboa, onde se encontravam reunidos os Irmãos das Igrejas europeias. Também cada sába-

do, com a colaboração das Irmãs Leona e Arline foram levados a efeito programas especiais para as crianças. Desde há quatro anos que um esforço especial tem sido feito nas nossas igrejas, para que o programa infantil e Juvenil melhore, o que tem sido conseguido em quase todas as igrejas. Assim novos materiais foram apresentados, e o Pastor Monnier pôde entusiasmar cada um a tornar-se um especialista no Evangelismo Infantil. De Nova Lisboa, seguimos para a Missão do Cuale, onde de novo nos pusemos ao trabalho com as esposas dos obreiros ali reunidos. Procuramos desenvolver o interesse na preparação de materiais simples para a ilustração dos hinos, das histórias as, das lições.

Luanda foi a última etapa, desta viagem maravilhosa, em que nos foi possível contactar com o departamento da Escola Sabatina na maior parte nas igrejas e Missões. O entusiasmo, as experiências do Pastor Monnier encheram de entusiasmo os nossos obreiros e estou certo que vamos colher dentro em breve em frutos da sua passagem pelo campo de Angola.

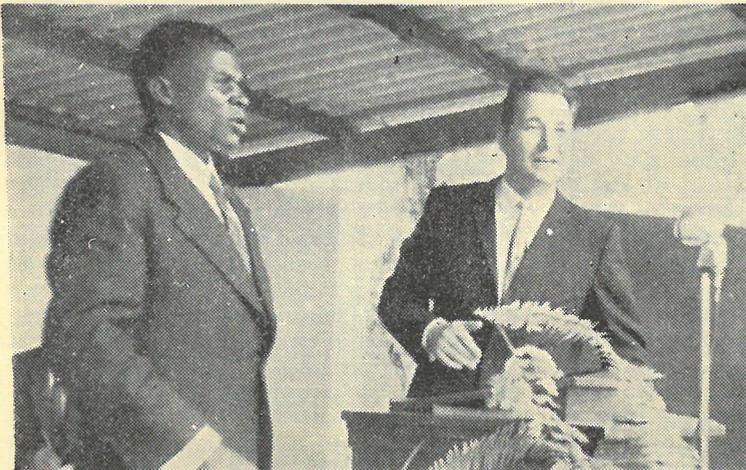
Durante os Cursos realizados, foi dado também, um interesse especial ao Departamento da Escola Sabatina — coração da Igreja.

Podemos resumir nos seguintes pontos as indicações dadas pelo Pastor Monnier:

1. Multiplicar as escolas sabatinas anexas e ensinar os nossos irmãos e irmãs como organizar e dirigir uma Escola Sabatina Anexa.
2. Lançar a Escola Cristã de Férias em cada Igreja e em cada estação missionária e ensinar os nossos irmãos africanos como eles mesmo podem desenvolver esta actividade em favor das crianças.
3. Ensinar e mostrar aos nossos irmãos e irmãs africanas o funcionamento e as bençãos que advem do fundo de investimento.
4. Há muito a fazer na organização das escolas sabatinas infantis para africanos. Há que formar monitoras e interessá-las na salvação das crianças.

Que estamos fazendo das recomendações que ouvimos, através de Angola, do Pastor Monnier?

Ele nos convidou a nos lançarmos à tarefa, se queremos ser chamados «servos bons e fiéis».



O Pastor Monnier, falando aos irmãos reunidos no Bongo

Reflexões sobre a Música no Velho Testamento

por Hugo Riffel

«Cantai ao Senhor com acções de graça; entoai louvores, ao som da harpa, ao nosso Deus.» Sal. 147:7.

A prática do canto congregacional não está baseada numa tradição humana, mas é uma instituição de origem divina, que remonta a tempos anteriores à criação do mundo. O próprio Lúcifer sentiu-se atraído pela influência do canto nos primeiros períodos de sua rebelião. Diz-nos o Espírito de Profecia: «Ao ascenderem os cânticos de louvores, em melodiosos acordes, avolumados por milhares de alegres vozes, o espírito do mal pareceu subjugado; indizível amor fazia fremir todo o seu ser; em concerto com os adoradores destituídos de pecado, expandia-se-lhe a alma em amor para com o Pai e o Filho.» — *Patriarcas e Profetas* (2.^a ed.), pág. 17.

É inegável que a música era um elemento muito importante na vida religiosa do povo de Israel, não somente na celebração de grandes acontecimentos, como a travessia do Mar Vermelho ou a transferência da arca de Quiriate-Jearim a Jerusalém, mas também nos lares, nas escolas e nos serviços religiosos. Nas Escolas dos Profetas a música e a poesia sagradas eram ensinadas como matérias principais de estudo para os jovens que aspiravam a ser os dirigentes espirituais do povo de Deus. «Fazia-se com que a música servisse a um santo propósito, a fim de erguer os pensamentos àquilo que é puro nobre e edificante, e despertar na alma devoção e gratidão para com Deus.» — *Idem*, pág. 637. É-nos dado o conselho: — Haja canto na escola...» e «Nunca se deve perder de vista o valor do canto como meio de educação.» *Educação*, pág. 167. «O devido adiestramento da voz é um aspecto importante da educação, e não deve ser negligenciado.» — *Patriarcas e Profetas* (2.^a ed.), pág. 637.

Quantas bênçãos produz o seguir estes conselhos em nossas igrejas e escolas! A meninice e a juventude de hoje aproximam-se das coisas celestiais, e os ministros de amanhã recebem uma educação que os incentivará a organizar musicalmente as igrejas sob sua responsabilidade, para honra e glória de Deus.

Não conhecemos muito acerca do som dos instrumentos musicais descritos no Velho Testamento, e que eram utilizados para acompanhar os cânticos; apenas sabemos que havia instrumentos pertencentes às três grandes famílias instrumentais: cordas, como saltério e a harpa; instrumentos de sopro, dos quais são citados a flauta, o órgão, a busina e a trombeta; e também instrumentos de percussão: tamborim, pandeiro, adufe e címbalo. Suas origens são assaz remotas: antes do dilúvio já se menciona a Jubal, o qual foi o pai de todos os que tocam harpa e flauta» (Gén. 4:21). Há razões para supor que em realidade se tratava de liras e flautas rudimentares, respectivamente. É deveras interessante e instrutivo ler acerca da organização musical nos dias de David, tal como é descrito em I Crônicas, capítulo 25, versos 1 a 8. Vemos aí que um conjunto de levitas, os filhos de Asafe, Hemã e Jedutum, foram separados para o ministério da música, a fim de profetizar com os seus instrumentos respectivos. Seu trabalho foi perfeitamente regulamentado, criando-se turnos de serviço para os músicos da corte real e do culto. Destarte, quando chegou o solene acto da dedicação do templo de Salomão, os cantores levitas estiveram presentes com seus instrumentos. «... Em uníssono, a um tempo,... cantavam para ... louvar ao Senhor e render-Lhe graças.» II Crón. 5:13.

Que admirável exemplo para o Israel moderno! Em primeiro lugar são os homens separados para um ministério especial, e depois suas actividades são ordenadas, a fim de que tudo se fizesse correctamente, apresentando na ocasião apropriada, um serviço musical verdadeiramente meritório. Oxalá que nossos ministros se apeguem a estes princípios directrizes de organização e educação musicais encontrados no Velho Testamento, e que têm plena vigência em nossos dias. Únicamente assim elevaremos o nível musical em nossos cultos, e os membros receberão consolo e bênção.

Notícias do Campo

Curso «A Bíblia Responde» em Nova Lisboa

Desde o início do ano, a Igreja de Nova Lisboa tem estado entusiasmada com uma Campanha de Evangelização, cujo objectivo principal é: «uma Bíblia em cada lar».

Embora a Campanha actual só termine no fim do mês de Julho, a Igreja teve, no passado dia 21, de Junho motivo para regozijo, pois o primeiro diploma desde curso foi entregue à Sr.^a D. Maria Esmeralda C. L. Bonifácio, a primeira pessoa em todo o território de Angola, a receber este diploma. Esta antecipaçãõ, deve-se ao facto de a Sr.^a D. Maria Esmeralda C. L. Bonifácio ter que se ausentar para a Metrópole em gozo de férias, e não o querer fazer sem ter primeiramente concluído o seu curso.

Está de parabéns a Sr.^a D. Maria Esmeralda e também o está a Igreja de Nova Lisboa que teve assim o privilégio de ver a primeira concretização dos seus esforços.

Que o Senhor possa abençoar o trabalho que está proseguindo nesta Igreja e que muitos possam beneficiar deste programa de divulgação das Sagradas Escrituras.

D. Cordas



A instrutora bíblica, Ir. Leonilde Tavares, entregando o diploma do Curso «A Bíblia Responde» a Sr.^a D. Esmeralda Bonifácio

Novos Missionários

Vindos da Metrópole, chegaram no passado dia 28 de Abril os nossos irmãos Daniel Cordas e esposa, acompanhados de seus dois filhos.

Aos novos missionários, desejamos as boas-vindas e que o Senhor os possa abençoar em suas novas actividades.

Igrejas de Benguela-Lobito-Catumbela

Durante o mês de Maio realizaram-se as Festas dedicadas às mães, nas nossas três Igrejas.

Os nossos jovens estão de parabens pelos bons programas apresentados e também pelo número de visitas que conseguiram levar às nossas Igrejas nesses dias.

Esforço missionário:

Durante um mês os nossos irmãos «atacam» um bairro em cada uma das cidades, com quatro folhetos que eram entregues cada sábado, de porta em porta. Esta distribuição preparou a distribuição das lições «A Bíblia Responde», que continua a ser levada aos lares cada semana. Muitas pessoas estão solicitando o auxílio dos nossos irmãos nos seus lares para os ajudarem. Isso dá possibilidade de troca de impressões e também de orações.

Ao mesmo tempo, durante cinco semanas tivemos reuniões especiais em cada uma das Igrejas, com projecções sobre os paizes da Bíblia e apresentação de mensagens relacionadas com a mensagem de Jesus.

Tivemos muito boa assistência, especialmente em Benguela e Catumbela.

No Lobito a última reunião, incluiu uma cerimónia baptismal, e ao apelo feito muitos nomes foram dados para continuarem a estudar as Sagradas Escrituras.

Foram visitados, nestes três lugares cerca de 400 pessoas, estando distribuídas 175 Bíblias, e portanto havendo igual número de pessoas estudando as lições.

Que o Senhor possa tocar o coração destas almas, para que muitas possam escolher a Jesus como Seu Salvador pessoal.

J. A. Morgado

1.º Campo de Férias para Jovens das Missões

Nos arredores de Benguela, nas instalações da pescaria dos Irmãos F. Sabino realizou-se de 26 de Março a 4 de Abril o primeiro campo de férias para Africanos.

Cincoenta jovens — rapazes e meninas — das Missões de Quilengues, Luz, Instituto do Bongo e dos Campos Missionários de Nova Lisboa e Bongo, tiveram a oportunidade de passarem dez dias junto ao mar.

O programa iniciava-se com a devoção matinal, pequeno almoço, jogos, passeios banho no mar, e depois do almoço uma palestra dedicada aos jovens. À noite havia cânticos, histórias, etc.

Tiveram ainda oportunidade de colaborar na escola sabatina de praia Casseque e de visitar as igrejas de Benguela e Lobito.

Durante um dia estiveram de visita ao Lobito, onde visitaram especialmente o porto que os deixou maravilhados.

Esperamos que esta boa experiência possa ser repetida, para benefício de outros jovens.

Colaboraram na direcção dos jovens os professores Isaque Estevão e Ribeiro.

J. A. Morgado

Entre os Muhanhas da Panda, Cubal

Um grupo de 28 estudantes do Curso de Professores Evangelistas do Instituto do Bongo, realizou uma campanha evangelística entre os muhanhas do Cubal, de 23 de Maio a 5 de Junho.

O povo desse lugar é muito simples. Até aqui vive a vida primitiva. Muito pouco ou nada sabe da civilização. O muhanha vive em densa escuridão de pecado e de ignorância.

As mulheres e moças muhanhas, são simpáticas, mas muito desconfiadas. A princípio, não estavam dispostas de ouvir a nossa pregação, com receio de que nós viríamos obrigá-las a deixar os trajes e efeitos delas, para se vestirem como as mulheres civilizadas. Passados porém alguns dias, elas começaram compreender-nos e já assistiam às reuniões com menos receio.

Um senhor chamado Marinheiro, ex-catequista católico, não nos permitiu ter uma simples conversa com ele nem com qualquer de seus dois filhos já casados. Antes de chegar ao fim do tempo, dois de nossos jovens conquistaram-lhe a amizade e pudemos oferecer-lhe uma Bíblia. Oh, como o Marinheiro gosta de sua oferta! Todas as manhãs era visto a ler sua Bíblia. Pediu que déssemos estudos bíblicos no seu lar e nos de seus filhos.

Certa manhã eu e o Ir. Pedro Matapalo, fomos visitar um caçador de nome Muhepe que castigava o seu filho Caetano por causa deste aceitar a Verdade. A primeira tentativa que fizemos para alcançar a sua casa, tivemos de fugir para além do vale, por causa de muitos cães que ele possui. De longe pidimos-lhe o favor de nos receber, ele riu-se a faltar, depois permitiu que chagássemos junto dele.

Era um homem alto e forte. Olhando para o seu físico, os cabelos e dentes salientes, sentíamos estar perante um endemoniado. Graças a Deus, conseguimos ler pa-

ra ele um texto das Escrituras e oramos por ele. Ao terceiro dia fomos visitá-lo outra vez. Era já nosso amigo.

Os rapazes muhanhas têm muita sede de instrução e do conhecimento do Evangelho. Alguns deles já compraram hinários, e desejam possuir também a Bíblia; mas, não sabem ler.

Há duas aldeias que nos pediram Professores Evangelistas.

Caros jovens angolanos, não tereis compaixão por esses nossos amigos que vivem sem Deus nem a esperança que possuem?

Eles chamam por vós: «Passa à Macedônia (Hanha) e ajuda-nos». Actos 16:9.

P. B. de Freitas

A União Portuguesa em Marcha

Continuação da pág. 9

nam-se não só aos adultos como também às crianças, como fio o caso em Vila do Conde, no norte de Portugal, onde cerca de trinta crianças que acompanhavam os ouvintes, receberam, numa sala contígua ao salão, alimento adaptado à sua idade). Os resultados desta actividade foram maravilhosos: Algumas pessoas já foram baptizadas e outras estão sendo instruídas para o serem mais tarde.

Em 1968 comprámos à Sociedade Bíblica de Lisboa 9000 Bíblias, e no fim do ano só restavam 2000 nas nossas prateleiras. Em 1969 pensamos comprar e distribuir 13000, número que representa o total das vendas desta Sociedade às Igrejas evangélicas e adventistas do nosso país. Todas as nossas igrejas desejam aumentar o seu depósito de Bíblias e os membros desejam adquirir sistematicamente um bom número para que com a reserva assim constituída possamos por em prática em grande escala o plano «Uma Bíblia em cada lar». A família Sampaio Nunes anunciou-nos recentemente que poria à nossa disposição uma soma para a compra de 5000 Bíblias destinadas ao trabalho de casa em casa. Possa este exemplo, que merecia ser mencionado, suscitar no coração dos nossos irmãos e irmãs que dispõem de alguns meios financeiros, a mesma generosidade para o mesmo fim. Permanecemos confiantes, porque o desejo de ganhar almas para o Mestre é mais ardente que nunca. Em 1968 baptizámos 269 pessoas. É preciso que em 1969 baptizemos 400. Só assim e com ajuda de Deus poderemos em dez anos conquistar Portugal para Cristo.